



## STAROBINSKI: DO TÉDIO À MELANCOLIA

Rodrigo Lima de Oliveira<sup>1</sup>  
Maria Renata Duran (Orientadora)<sup>2</sup>

**Resumo:** No presente texto se tem por objetivo tomando a obra do psicanalista e historiador Jean Starobinski e, especialmente, com a questão do tédio e da melancolia na arte barroca dos séculos XVIII e XIX tal como apresentadas na obra *A invenção da liberdade*. Nosso objetivo é sondar o modo como a ideia de tédio serviu como fio condutor para o genebrino tratar da melancolia a partir da poesia de Charles Baudelaire, durante suas aulas ministradas no *Collège de France* entre 1987 e 1988. No investimento teórico de Starobinski, a percepção estética terá uma função psicológica, pois ao homem moderno, depois das grandes revoluções contemporâneas, o que restou foi uma sensação de inutilidade e sua consciência e condição fragilizada. Com uma história das mentalidades, Starobinski contribui para o entendimento das representações do homem moderno e contemporâneo, bem como para uma genealogia do mal que assombra a atualidade.

**Palavras-chave:** Tédio; Melancolia; Modernidade.

Jean Starobinski historiador, psicólogo professor de Genebra apresenta em sua obra *L'invention de la Liberté 1700-1789*, mostrando a história das ideias na civilização moderna por meio do estilo da arte, tendo como ponto de partida a arte barroca dos séculos XVIII e XIX onde expõe a noção de que a percepção estética terá uma função psicológica ressaltando a subjetividade através das representações figuradas do acontecimento histórico do *Ancien Régime* e como a ideia de tédio, uma busca na arte os símbolos da razão e da história que mostra uma relação direta entre os gesto artístico e o acontecimento histórico. Esta reciprocidade entre a produção artística e o evento servirá como fio condutor para tratar da melancolia apoiado nos textos de Charles Baudelaire, fruto de suas aulas ministradas no *Collège de France* nos anos de 1987 e 1988. Esta subjetividade moderna produzirá no homem

<sup>1</sup>Estudante de graduação em Letras da Universidade estadual de Londrina (UEL). E-mail [rodrigolimaph@hotmail.com](mailto:rodrigolimaph@hotmail.com)

<sup>2</sup>Professora Doutora da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [mariarenataduran@gmail.com](mailto:mariarenataduran@gmail.com)



moderno uma consciência fragilizada, sensação de inutilidade e de vazio. A arte desvela o desejo de prender o todo social numa transparência de um ideário estético, são tentativas de captar os comportamentos e acontecimentos políticos e históricos.

Starobinski mostra uma metáfora onde duas coisas se coadunam, a imagem e a fala. Nesse sentido é um trabalho sobre o olhar e suas impossibilidades, um olhar sob suspeita, olhar acostumado aos espetáculos de uma liberdade mitigada, por exemplo como a nobreza vê a sociedade a si mesmo no período do século XVIII, que segundo Alfredo Bosi: “Olhar e ser olhado, atividade e passividade, exercem-se em um campo de forças onde o poder e conhecer se fundam mutuamente, (...) o olhar e a expressão mesma desse poder” (BOSI.1988, p.80), da liberdade, de um olhar sobre a arte barroca e os adornos do rococó que cria-se a ideia de um homem livre, dominando o espaço e o tempo.

A pintura corresponde escolhas estéticas que nos permite pensar acerca de diversas questões habituais, sabemos que há muitas coisas sombrias no século XVIII e uma delas é a questão do tédio e mais adiante a melancolia.

O tédio<sup>3</sup> não deve ser compreendido como uma idiossincrasia pessoal, pois ele é um fenômeno amplo e complexo para ser entendido deste modo, assim o tédio não é apenas um estado mental interior é também uma característica do mundo, que se mostra em constante transformação. Deste modo se participamos de práticas sociais que estão saturadas de tédio. O tédio surge quando não se pode fazer aquilo que desejo ou quando temos que fazer aquilo que não queremos. Nietzsche diz: “A vida mesmo nos recompensa (...) por uma longa guerra, tal como a que eu, daquela vez, travei comigo contra o pessimismo do cansaço de viver” (NIETZSCHE, 1983, p. 127).

O tédio sempre carrega uma característica crítica, pelo fato de expressar a ideia de que dada situação ou a existência como um todo são profundamente satisfatória. O tédio nos séculos XVIII e XIX portava um *status* positivo a quem era acometido por ele, na corte francesa, o tédio era privilegio exclusivo do monarca, pois se alguma pessoa ali presente

<sup>3</sup> O tédio pressupõe subjetividade, isto é, consciência de si. A subjetividade é uma condição necessária, mas não suficiente para o tédio. Para ser capaz de se entediar, o sujeito deve ser capaz de se perceber como um indivíduo apto a se inserir em vários contextos de significado, e esse sujeito reclama significado do mundo e de si mesmo (SVENDSEN, 2006, p.34).



expressasse, isso provavelmente seria entendido ou interpretado de uma única maneira, a de que o monarca a entediava. Outro ponto para entender o surgimento do tédio na modernidade, foi pelo fato que a ideia de cultura desapareceu dando lugar ao conceito de “civilização”, assim se o tédio aumenta é presumivelmente porque o significado global desapareceu. Tratar do problema do tédio é tratar da desumanização, que para Theodor Adorno o tédio é a impossibilidade de emancipação do ser humano pelo fato, onde há tédio, existe a coerção do livre agir, o malogro de uma cultura capaz de produzir seres racionais.

Para Starobinski a arte é o ato da consciência e a expressão de liberdade artística que aparece no período da Revolução Francesa, a arte apresentada por ele considera toda sua conjuntura de uma origem comum, histórica e social.

Starobinski diz que uma alma ociosa e como uma alma aniquilada, e o Abade Du Bos em sua obra as *Reflexions critiques sur la Poésie et La Peinture* (1718) afirma:

A alma tem suas necessidades, como as tem o corpo, e uma das maiores necessidades do homem é a de ter o espírito ocupado, O tédio que segue em breve a inação da alma é um mal tão doloroso para o homem que ele empreende muitas vezes os mais penosos trabalhos a fim de poupar a si mesmo da aflição de ser por ele atormentado... Na realidade, a agitação em que as paixões nos mantêm, mesmo durante a solidão, é tão viva que qualquer outro estado é um estado de langor ao lado dessa agitação. Assim corremos instintivamente atrás das coisas que podem excitar nossas paixões, embora tais coisas nos causem impressões que nos custam muitas vezes noites quando vivem sem paixões do que quando elas o fazem sofrer (STAROBINSKI, 1994, p.16)

A história da arquitetura do século XVII, nos mostra um duplo impulso, a evolução da linguagem arquitetônica e depois o desejo e a vontade monarca, Starobinski afirma que aqui a vida das formas é inseparável da história das intenções formuladas pelos patronos, e este gosto está diretamente ligado em seu contexto social, político e psíquico da época. Os palácios da corte, teatros sobretudo Versailles, nestas obras mostra-se a imagem sensível de seu poder.

Do Barroco ao Rococó o movimento se faz sem choques, através de um estilo intermediário, aquilo que Starobinski chamou de Barroco jubilante, e diz: “Se ele não tem



mais toda a energia do barroco fundamental, tem ainda sua agilidade dramática; do rococó, ele já anuncia a alegria decorativa” (STAROBINSKI, 1994,p.28). Esta característica se mostra na obra de Balthasar Neumann (1687-1753) o Interior da igreja da peregrinação de Vierzehnheiligen (Francônia), iniciada em 1743. No século XVII o fausto é uma demonstração de carisma por parte da realeza e da nobreza, já no século XVIII o objeto de luxo é apenas a presença de ostentação de uma sensível riqueza transformada em coisa, por exemplo a Fachada do palácio do marquês de Dos Aguas em Valência criada por Ignazio Vergara (1715-1776).

A arte sempre esta em mudança, pois a repetição produz o tédio. A invenção decorativa aparece de característica do rococó flertando com as imagens chinesas, misturando exotismo e o capricho inventivo, uma tentativa uma arte excitante dos prazeres. A tapeçaria de chineses<sup>4</sup> por exemplo.

Mais adiante, este estilo de arte pelo contorno exagerado será rejeitado, isso ocorre de modo explicito em 1750, o barroco terá uma acepção pejorativa caracterizado como monstruoso e indefinível, o estilo rococó igualmente pejorativo, nascerá de modo tímido neste período, assim o cenários se apresenta de modo diversificados. A arte irá apelar sempre ao prazer da alma, uma prazer insaciável, o prazer do olhar e o prazer pela perpetua renovação de variedades e contrastes. Montesquieu dirá:

Tudo nos cansa a longo prazo e sobretudo os grandes prazeres: abandonamo-los sempre com a mesma satisfação com que os adquirimos (...) Nossa alma esta cansada de sentir: porém não sentir é cair num aniquilamento que a abate. Remedia-se tudo, variando tais modificações: ela sente e não se cansa (...) Esta disposição da alma, que leva sempre para diferentes objetos, faz com que ela saboreie todos os prazeres que vêm da surpresa, sentimento que agrada à alma pelo espetáculo e pela prontidão da ação: pois ela percebe ou sente uma coisa que não espera, ou uma maneira que não esperava (...)”(STAROBINSKI, 1994, p. 48).

Este prazer e representado pelas pinturas dos divertimentos reais, as festas, espetáculos, cerimônias na corte, momentos de lazer, a caça, teatro, concertos de gala, baile de máscaras,

---

<sup>4</sup> Chinoiserie é uma imitação ou evocação dos estilos chineses na arte ou na arquitetura . O termo é aplicado particularmente a arte do século XVIII.



comemorações, shows pirotécnicos. Diante destes acontecimentos os pintores irão retratar uma vida cenográfica, as óperas serão grandes representações estéticas do tempo. Ora o lazer mostra-se como um argumento de que existe uma disposição de tempo que tem que ser ocupado com alguma atividade. O tédio está diretamente relacionado com a maneira de passar o tempo, onde o tempo ao invés de ser um horizonte de oportunidades ele é entendido como algo que precisa ser consumido. Esta “corrida desordenada às diversões, ao lazer, indica precisamente o medo do vazio que nos cerca” (SVENDSEN, 2006, p.28).

As festas e os divertimentos não foram suficientes para alcançar o sentimento humano, pois o artista com a preocupação de agradar a aristocracia se vê refém e humilhado, considerando-se apenas um fornecedor de imagens, já que toda sua criatividade e liberdade foram escravizadas pela imitação, assim é preciso um objeto que fale ao sentimento do homem moderno. Diante desta exigência estética os artistas do século XVIII passam a imitar pacientemente a natureza, surge uma nova consciência do que seja natureza. Esta consciência de mundo se dá com as grandes descobertas científicas e a exploração da natureza pela indústria e o comércio. A imagem irá desempenhar um papel importante ao olhar do naturalista, a perfeição da natureza é figurada pelo artista. Os pintores tem como desejo de capturar o instante, tem como objetivo tornar um momento banal como algo sensível, onde a pintura testemunha a liberdade, um movimento suspenso, de uma animação, explicitamente retratado por Jean- Honoré Fragonard em *Os acasos felizes do balanço*. O século XVIII é o grande século do retrato, onde a copia de um retratado mesmo de modo fiel é um retrato que deixa se prender pela armadilha da mentira, o artista sempre irá melhorar o retratado, sem rugas, sem deformidades. Segundo Starobinski, o artista faz entrar a mentira até mesmo nas suas mais expressões de verdade, uma mentira idealizada. Paira no mundo burguês uma insatisfação do espírito consigo mesmo e o tédio provocado pela realidade que deseja tanto esconder.

Depois desta fase os artistas verá a necessidade de voltar-se para o objeto cuja sua própria presença denuncia uma época desaparecida, um passado. Então os pintores irão se ocupar em pintar ruínas, despertando o pensamento histórico e o sentimento de reencontro do homem com a natureza por intermédio de uma morte consentida, uma consciência de perda,



vemos isso na pintura de Francesco Guardi na obra *Personagens em ruínas antigas*. A consciência sobre a inevitabilidade da morte passa a ser sombra entre as ruínas e com ela surge a pintura gótica. A ruína será uma representação de uma sepultura que traz a memória do homem de sua condição finita. O gótico na arte tem um significado em fazer o tédio da vida duplicar. O sentimento do homem do século XVIII volta-se para uma imagem de mundo primitivo, o grotesco, a reabilitação do bárbaro, do selvagem. Em contra partida surge o romantismo que fornecerá aos pintores e escritores uma mistura de sonhos, erudição, insatisfação e um forte apelo idealista poético, o artista romântico usa a imaginação, sentimentos e instintos para produzir suas obras, carregadas de subjetividade e de um sentimentalismo.

Starobinski a o apresenta o problema do tédio através da pintura nota-se que talvez este seja um degrau para se chegar ao conceito de melancolia, conceito analisado em suas aulas ministradas no *Collège de France* entre os anos de 1987-1988, ao tratar da melancolia Starobinski ira se apoiar em algumas poesias de Charles Baudelaire que se encontra em *As Flores do Mal*, interrogando a melancolia o *spleen* como tema central em Baudalaire.

Ocuparemos nossa apenas do primeiro capítulo a obra de Starobinski *A melancolia diante do espelho* intitulado melancolia ao meio dia. Em uma das poesias a melancolia da origem ao adjetivo “melancólico”, este dois termos tornou-se difíceis de expressar na poesia, por carregava uma conotação associada à contemplação solitária, sobretudo em cenas de ruínas e desfiladeiros verelando uma espécie de sofrimento. Segundo Starobinski Baudelaire apresenta o termo melancolia sem dizê-la, o termo esta em sua poesia de uma maneira velada, o poeta irá se valer-se de sinônimos e termos similares que tenha um valor semântico aproximado, uma equivalência do termo isso nos mostra um esforço em sua obra poética o termo que aparece com grande frequência em Baudelaire é *spleen*<sup>5</sup>. Em “Epígrafe para um livro condenado” apresenta uma forma excêntrica e enjuntamento do Tédio.

---

<sup>5</sup> Este termo utilizado por Baudelaire traz uma conotação de um estado de tristeza pensativa, angústia, sentimento de desânimo , tédio.



*Lecteur paisible et bucolique  
Sobre et naïf homme de bien,  
Jette ce livre saturnien,  
Orgiaque et mélancolique.*<sup>6</sup> (STAROBINSKI, 2014, p.15)

O termo melancolia carrega em si um significado de abandono, solidão, diante da existência, Starobinski diz que este termo é alegorizado pelo poeta, “a melancolia alegorizada não animava apenas certas figuras antropomórficas, ela se inscrevia igualmente em objetos em aspectos do mundo.” (STAROBINSKI, 2014, p.18). Nesse sentido de modo alegórico, a melancolia Baudelairiana mostra-se, por exemplo como uma mulher jovem, ademais como evidencia a tradição iconográfica, associando melancolia à figura do espelho e o olhar voltado para si, para imagem refletida, seja apontando uma volúpia solitária ou desvelado em um sofrimento solitário de uma angústia recorrente, para Starobinski uma das representações deste sinal é o dandismo que apresenta a melancolia de modo marcante e categórico tomado da obra *O pintor da vida moderna* de Baudelaire.

Assim diante das leituras e análises feita por Starobinski nessas duas obras citadas talvez se possa pensar que os termos tédio e melancolia são centrais em suas obras e tratadas por um viés estético e com uma função psicológica e metafórica, por exemplo, na pintura acerca do tédio e na poesia a melancolia, pois tanto na poesia quanto na pintura o homem volta para si e contempla, “um sujeito horrendo que julga ter o direito de olhar –se no espelho, “segundo os imortais princípios de 1789” (STAROBINSKI, 2014, p. 23).

### Referências bibliográficas

BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In A. Novaes (Org.), *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NIETZSCHE, F.W. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

STAROBINSKI, J. *A Invenção da Liberdade 1700-1789*. São Paulo: Unesp, 1994.

---

<sup>6</sup> Leitor pacato e bucólico,/sóbrio e ingênuo homem de bem,/joga fora este livro saturnal,/orgiástico e melancólico. (tradução Samuel Titan Jr. )



ANAIS ELETRÔNICOS DO IX Colóquio de Estudos Literários

*Diálogos e Perspectivas*

SILVA, Jacicarla S.; BRANDINI, Laura T. (Orgs.)

Londrina (PR), 15 e 16 de setembro de 2015.

ISSN: 2446-5488

p. 474-481

STAROBINSKI, J. *A Melancolia diante do espelho: três leituras de Baudelaire*. São Paulo: Editora 34, 2014.

SVENDSEN, L. *Filosofia do tédio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.